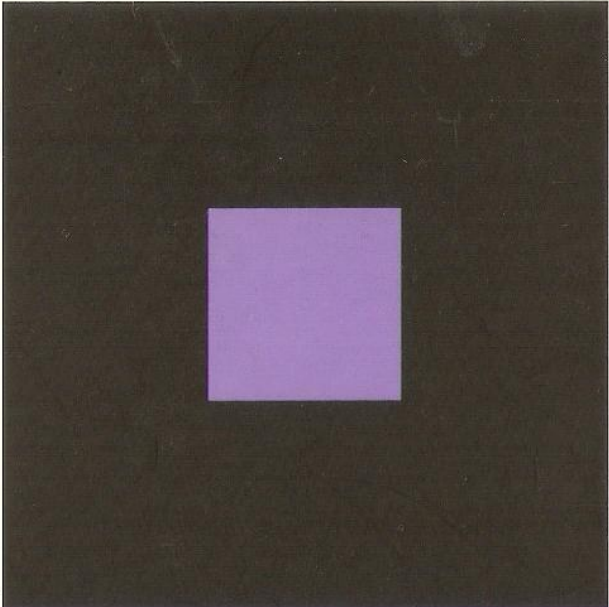




Lucília H. do Carmo Garcez

TÉCNICA DE REDAÇÃO

O QUE É PRECISO SABER PARA BEM ESCREVER

Martins Fontes

Capítulo 4

Da leitura para a escrita

1. O trabalho com a memória

Precisamos usar muitas informações contidas em textos que já lemos. Mas nem sempre isso é possível. Nossa memória é muito seletiva. Ela não guarda tudo o que gostaríamos a partir de uma primeira leitura.

Algum esclarecimento acerca da memória, essa faculdade de reter as idéias, impressões e conhecimentos adquiridos anteriormente, pode ajudar a compreender e controlar seu funcionamento. Temos dois tipos de memória: a de longo prazo e a de curto prazo.

Na memória de longo prazo guardamos nossos conhecimentos consolidados, pois é duradoura. Na de curto prazo, que é seletiva e rotativa, guardamos informações novas, por um período breve, enquanto elas nos são úteis e estão sendo realmente utilizadas. Como exemplo, podemos pensar na seguinte situação: se estamos tentando comunicação por vezes repetidas com um número de telefone, chegamos a memorizá-lo. Mas, se nos dias subseqüentes não precisarmos mais desse número, a memória vai descartá-lo por falta de uso. Já um número usado todos os dias, importante na nossa vida diária, permanece na nossa memória de longo prazo. Não o esquecemos tão facilmente.

As informações novas ficam algum tempo na memória de curto prazo, como se estivessem temporariamente à disposi-

ção, em um período de teste. Se, nesse período, forem muito usadas, estabelecem laços com outras informações preexistentes, encontram pontos de apoio que as sustentam por mais tempo e se tornam mais duradouras. Se não forem úteis por longo período, serão descartadas. Isso acontece com nomes de lugares, de pessoas, de livros, de filmes. E acontece também com conceitos e definições. Se não são utilizados, caem no esquecimento. Um professor, por exemplo, que dá aulas sobre uma mesma matéria para várias turmas, durante muito tempo, acaba por dominar naturalmente o assunto. Um outro, que apenas esporadicamente fala sobre um tema, tem que estudá-lo para reavivar a memória quando precisa expor novamente o assunto.

Quando decoramos mecanicamente regras e conceitos, como se faz freqüentemente nos cursos preparatórios para concursos, tudo aquilo que nos deu tanto trabalho para memorizar à força é esquecido imediatamente após a prova. O mesmo acontece quando estudamos a gramática pela gramática, sem aplicação direta na produção de textos. Se memorizamos alguns itens sem transferi-los gradualmente para a prática, esquecemos tudo com facilidade.

Então, para que uma informação fique consolidada na memória de longo prazo é preciso que seja:

- útil na vida prática ou para nossas reflexões abstratas;
- utilizada com certa freqüência;
- reelaborada em nossa mente por meio de novas associações e novas divisões;
- associada e relacionada a outros conhecimentos prévios existentes em nossa memória.

Memorizamos aquilo que é significativo para nossos interesses intelectuais ou para nossa vida pessoal.

É importante considerar também outros aspectos da aprendizagem. Já sabemos que as informações que vêm apenas por via auditiva são menos duradouras, apreendemos uma pequena parcela do que ouvimos. Quando podemos ler uma vez a informação, apreendemos um pouco mais. Quando vemos, temos um pouco mais ainda de possibilidade de gravar na memória.

Mas se podemos ouvir, ler, ver e experimentar, utilizar, atuar, ou seja, desenvolver uma ação (concreta ou mental) sobre certa informação de forma pessoal, conseguimos maior índice de memorização e de aprendizagem.

Assim, aprender exige trabalho sobre o conhecimento. Não se trata de uma simples transferência, em que o professor ou o texto doam ao aluno a informação nova. É preciso que a pessoa trabalhe bastante para que o conhecimento passe realmente a ser propriedade sua.

Hoje em dia, a ciência já constatou que o cérebro e a memória precisam de exercícios, e que a inteligência precisa ser constantemente estimulada para não se atrofiar. Quanto mais aprendemos, mais temos possibilidade de aprender, pois os conhecimentos que adquirimos formam uma base em que novos conhecimentos vêm se instalar de forma mais duradoura.

Como a primeira leitura é sempre muito breve e superficial, precisamos utilizar estratégias de desaceleração para apreendemos melhor um texto, conforme vimos no capítulo anterior.

A leitura pode levar à produção de textos de natureza diferente do texto original e com finalidades também diferentes. Muitas vezes, lemos e tentamos memorizar o que lemos, ou então sintetizar as informações para revê-las ou repassá-las a outros. Assim, podemos produzir esquemas, quadros, resumos e paráfrases.

2. Resumos, esquemas e paráfrases

A partir do esquema podemos facilmente reconstituir as ligações do texto original elaborando um novo texto, mais curto que o original – um resumo – em que as informações essenciais são rearticuladas em uma nova organização. Se nosso objetivo é repetir as mesmas informações integralmente, elaboramos a paráfrase, que também é uma forma de retomada das informações.

Organizar um esquema é uma maneira preparatória para o resumo e a paráfrase. A leitura com esse fim é muito detalhada. O leitor deve criar o seu próprio método, mas podemos estabelecer um roteiro básico como sugestão:

- 1.º – Empreender uma primeira leitura descendente, rápida, do geral para o particular, prestando atenção nos títulos e subtítulos, na organização geral do texto. É uma leitura de reconhecimento prévio do material a ser estudado.
- 2.º – Fazer uma segunda leitura, identificando palavras-chave e anotando idéia por idéia, parágrafo por parágrafo.
- 3.º – Reagrupar as informações de acordo com unidades menores, mantendo as relações entre essas unidades.
- 4.º – Organizar um esquema das idéias, subdividindo-o de acordo com as relações sintáticas.
- 5.º – Voltar ao texto e conferir a correspondência com as idéias principais.
- 6.º – Redigir o resumo seguindo o roteiro estabelecido pelo esquema.

Normalmente, embora existam variações infinitas, os parágrafos dissertativos/argumentativos têm uma estrutura organizada logicamente:

- Primeiros períodos = idéia principal
- Períodos seguintes = desenvolvimento
- Último período = conclusão

Quando a idéia principal surge no início do parágrafo, ela pode ser: uma afirmação, uma negação, um conceito, uma pergunta, como veremos no capítulo 6. Muitas vezes, o autor prefere colocar a idéia principal no fim do parágrafo, como conclusão. Pode até mesmo não explicitá-la claramente, mas deixá-la implícita, para que o leitor chegue mentalmente à conclusão a partir das evidências colocadas no texto.

Em um resumo recorre-se a poucos efeitos retóricos, pois a linguagem deve ser objetiva e clara. O desenvolvimento, no resumo, visa fundamentar a idéia inicial, dispensando exemplos e ilustrações, e pode trazer explicações, oposições, comparações, divisão de idéias.

O leitor que tenta reconstruir o percurso do autor não pode acrescentar idéias novas ao resumo do que lê, pois trata-se de uma síntese, uma compactação, e não uma crítica, uma resenha ou um comentário que permitem ampliação e discussão.

O processo de debate pressupõe a intelecção, a compreensão das idéias expostas pelo outro. Por isso é bom, quando ainda na fase do esquema, prender-se às expressões utilizadas pelo próprio autor do texto.

O resumo é um trabalho sobre a linguagem muito complexo, pois é necessário trabalhar com precisão sobre: significados, estruturas sintáticas, vocabulário, gênero e tipo de texto.

Outro aspecto que deve ser levado em consideração é o uso das frases de transição. Elas conduzem o raciocínio do leitor de acordo com o planejamento do autor e podem exercer várias funções. Colocaremos aqui alguns exemplos, mas você pode encontrar infinitas variações nos textos que lê.

Indicam objetivo:

- O que desejamos neste trabalho
- O objetivo desta investigação
- Pretendemos demonstrar
- Procuramos comprovar
- Estamos tentando provar

Indicam inserção de exemplo:

- Para exemplificar, podemos observar
- Para comprovar o que foi dito
- Exemplo disso é
- Como exemplo, pode-se observar
- Assim, é o que ocorre no caso em que

Indicam inserção de citações:

- Segundo o especialista X
- De acordo com o que afirma X
- X já afirmou que
- Conforme X, em sua obra Y

Indicam divisão de idéias:

- Em primeiro lugar...; em segundo...; por último...
- Primeiramente...; depois...; em seguida...; finalmente...
- O primeiro aspecto é...; um outro aspecto é...
- Por um lado...; por outro lado...

Indicam conclusão parcial ou final:

- Em vista disso podemos concluir
- Diante do que foi dito
- Em suma
- Em resumo
- Concluindo
- Portanto
- Assim

Essas frases exigem muita atenção do leitor. São elas que o levam a decidir quais são as informações essenciais e as que podem ser dispensadas no resumo.

Vamos analisar um texto e compreender o processo de resumo.

INDÚSTRIA CULTURAL E CULTURA DE MASSA

*A partir da **segunda revolução industrial** no século XIX e prosseguindo no que se denomina agora sociedade pós-industrial ou pós-moderna (iniciada nos anos 70 do século XX), as artes foram submetidas a uma nova servidão: as regras do mercado capitalista e a ideologia da indústria cultural, baseada na idéia e na prática do consumo de “produtos culturais” fabricados em série. As obras de arte são mercadorias, como tudo que existe no capitalismo. Perdida a aura, a arte não se democratizou, **massificou-se** para consumo rápido no mercado da moda e nos meios de comunicação de massa, transformando-se em propaganda e publicidade, sinal de status social, prestígio político e controle cultural.*

Sob os efeitos da massificação da indústria e consumo culturais, as artes correm o risco de perder três de suas principais características: 1. de expressivas, tornarem-se reproduzíveis e repetitivas; 2. de trabalho da criação, tornarem-se eventos para consumo; 3. de experimentação do novo, tornarem-se consagração do consagrado pela moda e pelo consumo.

*A arte possui intrinsecamente **valor de exposição** ou exponibilidade, isto é, existe para ser **contemplada e fruída**. É essencialmente espetáculo, palavra que vem do latim e significa: dado à visibilidade. No entanto, sob controle econômico e ideológico das empresas de comunicação artística, a arte se transforma em seu oposto: é um evento para **tornar invisível a realidade** e o próprio trabalho criador das obras. É algo para ser consumido e não para ser conhecido, fruído e superado por novas obras.*

*As obras de arte e de pensamento poderiam **democratizar-se** com os novos meios de comunicação, pois todos poderiam, em princípio, ter acesso a elas, conhecê-las, incorporá-las em suas vidas, criticá-las, e os artistas e pensadores*

poderiam superá-las em outras, novas. A democratização da cultura tem como precondição a idéia de que os bens culturais (no sentido restrito de obras de arte e de pensamento e não no sentido antropológico amplo) são direito de todos e não privilégio de alguns. **Democracia cultural** significa **direito de acesso e de fruição das obras culturais, direito à informação e à formação culturais, direito à produção cultural**.

A indústria cultural acarreta **resultado oposto**, ao massificar a Cultura. Por quê?

Em primeiro lugar, **porque separa** os bens culturais pelo seu suposto **valor de mercado**: há obras “caras” e “raras”, **destinadas aos privilegiados** que podem pagar por elas, formando uma elite cultural; e há obras “baratas” e “comuns”, **destinadas à massa**. Assim, em vez de garantir o mesmo direito de todos à totalidade da produção cultural, a indústria cultural introduz **a divisão social** entre elite “cultural” e massa “inculta”. O que é a massa? É um agregado sem forma e sem rosto, sem identidade e sem pleno direito à Cultura.

Em segundo lugar, porque cria **a ilusão** de que todos têm **acesso** aos mesmos bens culturais, cada um escolhendo livremente o que deseja, como o consumidor num supermercado. No entanto, basta darmos atenção aos horários dos programas de rádio e televisão ou ao que é vendido nas bancas de jornais e revistas para vermos que, **através dos preços**, as empresas de divulgação cultural **já selecionaram** de antemão o que cada grupo social pode e deve ouvir, ver ou ler.

Em terceiro lugar, porque inventa uma figura chamada “**espectador médio**”, “**ouvinte médio**” e “**leitor médio**”, aos quais são atribuídas certas capacidades mentais “médias”, certos conhecimentos “médios” e certos gostos “médios”, oferecendo-lhes **produtos culturais “médios”**. O que significa isso?

A indústria cultural vende Cultura. Para vendê-la, deve seduzir e agradar o consumidor. Para seduzi-lo e agradá-lo, não pode chocá-lo, provocá-lo, fazê-lo pensar, fazê-lo ter informações novas que o perturbem, mas deve **devolver-lhe com nova aparência o que ele já sabe**, já viu, já fez. A “mídia” é o senso comum cristalizado que a indústria cultural devolve com cara de coisa nova.

Em quarto lugar, porque define a Cultura como **lazer e entretenimento, diversão e distração**, de modo que tudo o que nas

obras de arte e de pensamento significa trabalho da sensibilidade, da imaginação, da inteligência, da reflexão e da crítica não tem interesse, não “vende”. Massificar é, assim, banalizar a expressão artística e intelectual. Em lugar de difundir e divulgar a Cultura, despertando interesse por ela, a indústria cultural realiza a vulgarização das artes e dos conhecimentos.

Marilena Chauí. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ed. Ática, 8ª ed., 1997, pp. 329-30.

Uma primeira leitura, superficial e rápida, do texto já nos diz que a idéia principal é a *distinção entre o que é realmente arte e o que a indústria cultural produz para a massa no capitalismo*. Sabemos que Marilena Chauí é uma filósofa e que se trata de um texto dissertativo, teórico, sobre conceitos bastante abstratos.

Na segunda leitura, já com essas idéias, ao ativar nossos conhecimentos anteriores sobre o assunto, podemos aprofundar mais a compreensão das causas e conseqüências dessa distinção, identificando as palavras-chave e as idéias secundárias distribuídas pelos parágrafos.

Já é possível retirar do texto a sua estrutura básica e reorganizá-la em blocos. O texto começa com uma informação que será explicitada nos parágrafos seguintes, ou seja, no primeiro parágrafo já se anuncia a idéia principal: de que a arte foi transformada numa mercadoria e que por isso foi desvirtuada pela indústria cultural. Os parágrafos seguintes desenvolvem e aprofundam essa idéia.

Indústria cultural e cultura de massa

Artes submetidas

(2.^a revolução industrial séc. XIX)

- mercado capitalista
- ideologia da indústria cultural

Obra de arte tem valor de exposição / deve ser contemplada e fruída.

se transforma em seu oposto = mercadoria quando

- Fabricação em série
- Propaganda e publicidade
- Sinal de *status*
- Prestígio político
- Controle cultural

não se democratizou

massificou-se

Arte corre risco

Valor de:

pode se transformar em:

- | | | |
|-------------------|---|---|
| 1. expressividade | ➤ | repetição; |
| 2. criação | ➤ | consumo; |
| 3. experimentação | ➤ | consagração do consagrado pelo consumo. |
- torna invisível a realidade e o próprio trabalho criador

Democracia cultural (poderia acontecer pelos meios de comunicação)

Todos têm direito

- ao acesso e à fruição;
- à informação e à formação;
- à produção cultural.

Indústria cultural resultado oposto = introduz a divisão social ao massificar a Cultura.

porque

1. separa
 - “caras” e “raras”, os privilegiados, elite culta;
 - “baratas” e “comuns”, massa inculta.
2. cria a ilusão de acesso – através dos preços seleciona grupo social.
3. inventa uma média “espectador, ouvinte, ou leitor médio”, capacidades mentais, conhecimentos e gostos “médios” = produtos culturais “médios” = o que o consumidor já sabe = senso comum, sem provocações.
4. define a Cultura como lazer e entretenimento, diversão e distração; sensibilidade, imaginação, inteligência, reflexão e crítica não têm interesse, não vende.

Massifica = banaliza / vulgariza a expressão artística e intelectual.

Nesse esquema, as 700 palavras do texto original foram reduzidas a apenas 198. Ao analisar as escolhas feitas, voltando ao texto, podemos observar que algumas informações foram eliminadas e outras podem ser reagrupadas. Os efeitos de repetição, redundância e as perguntas retóricas, que têm a função de prender a atenção do leitor, são dispensados e o resumo vai reconstruir diretamente as afirmações, conclusões e respostas.

O resumo, a partir do esquema, reagrupa as idéias, rearticulando-as em novas orações e períodos, independentes do texto original, numa redação própria da pessoa que resume. Deve funcionar como um texto autônomo, não pode mais depender do original, como o esquema que serve apenas para retomar as idéias principais. Assim, no resumo que apresentamos a seguir, a quantidade de palavras em relação ao esquema é maior: 267.

Desde a segunda revolução industrial, no século XIX, as artes foram submetidas às regras do mercado capitalista e à ideologia da indústria cultural. A obra de arte tem um valor de exposição, é feita para ser contemplada, fruída e revelar a realidade. Entretanto, não foi democratizada, massificou-se e transformou-se em seu oposto: mercadoria; produtos culturais fabricados em série; sinal de status; prestígio político e controle cultural; além de tornar a realidade e o trabalho criador invisíveis. Sob controle econômico, a arte corre o risco de perder suas características, deixar a expressividade pela repetição, a criação pelo consumo e a experimentação pelo consagrado.

A democratização da cultura, entendida como o direito de acesso e fruição, informação e formação, e ainda produção cultural, que poderia ser alcançada pelos meios de comunicação social, foi substituída pela massificação. A indústria cultural não democratiza, porque ao massificar reintroduz a divisão social e: 1. separa os bens culturais pagos e raros para uma elite culta e os bens baratos e comuns para a massa inculta; 2. cria a ilusão do acesso igual para todos, mas pelo preço define os grupos que podem usufruir de cada bem; 3. inventa um consumidor médio, com capacidades, conhecimentos e gosto médios, para o qual produz bens médios, vendáveis, fundados no senso comum, sem novidade.

des; 4. vê a cultura como lazer, entretenimento, diversão e distração de forma que não tem interesse, porque não vende, o trabalho da sensibilidade, da imaginação, da inteligência, da reflexão e da crítica.

Assim, em lugar de democratizar a Cultura, a indústria cultural produz uma massificação, que é banalização e vulgarização da arte e do conhecimento.

Observe que a terceira pessoa que garante a impessoalidade própria da estrutura dissertativa foi mantida.

Além dos usos pessoais do resumo, ele é considerado, por técnicos em editoração e por cientistas, a representação condensada do conteúdo de um documento (é obrigatório, antecedendo trabalho científico, artigo, dissertação e tese), isto é, deve conter dados essenciais que ajudem o leitor a decidir sobre a necessidade de ler ou não um texto todo. Pode ser:

- Indicativo (de 10 a 50 palavras) – geral e sintético.
- Informativo (até 350 palavras) – representa o conteúdo, o assunto, os pontos de vista, e, em caso de trabalhos científicos, os métodos e conclusões.
- Crítico (também chamado de resenha) – apresenta a posição do leitor, comparações com outros trabalhos e pode trazer uma avaliação geral. É utilizado em revistas científicas.

Há diferenças entre o resumo e a paráfrase que é necessário esclarecer. Um texto é paráfrase do outro quando traz as mesmas informações por meio de outras palavras; tem a mesma função, mas apresenta uma forma de organização diferente. Quando a organização é semelhante, mas as informações são diferentes, dizemos que é uma *paródia*. Assim, quando sobre uma mesma melodia criamos letra diferente, às vezes cômica ou irônica, estamos parodiando. Mas esse efeito é artístico e criativo.

Como já vimos no capítulo anterior, utilizamos a paráfrase mentalmente, como uma estratégia para ler e estudar. Ocor-

re, no processo de estudo e de aprendizagem, uma internalização ou assimilação. O aprendiz incorpora o conhecimento novo, apropria-se dele. Essa assimilação requer uma elaboração interna, pois não se trata apenas de transposição ou transferência. A elaboração interior é feita por meio de paráfrase: para saber se estou compreendendo bem uma idéia é preciso que eu saiba pensá-la, reproduzi-la ou dizê-la com minhas próprias palavras. Pela paráfrase mental, pela reprodução das idéias com minhas próprias palavras, tenho consciência de que domino a nova informação.

É essencial compreender que também na produção de textos usamos freqüentemente a paráfrase, já que um texto é feito de outros textos. Ou seja, utilizamos informações lidas, além de nossa experiência de vida, para escrever um trabalho ou um artigo. Essas informações lidas passam a fazer parte de nosso acervo pessoal de conhecimentos pela internalização, mas guardam um vínculo com o texto original do qual provêm. Às vezes é preciso citar explicitamente sua origem (nome, obra, data), outras basta fazer uma alusão ao dono das idéias e, muitas vezes, podemos incorporá-las ao nosso texto de maneira parafraseada. Por isso a paráfrase é tão útil.

Na paráfrase, frases e períodos podem ser simplificados, agregados ou transformados estilisticamente. Palavras complexas podem ser substituídas por expressões mais simples e familiares ou pode ocorrer o contrário, dependendo do objetivo da paráfrase. As informações têm de ser fiéis às idéias do texto original, sem acréscimos, transformações conceituais ou reduções. A paráfrase, vale repetir, não é um resumo. Paráfrases mal feitas podem constituir mal-entendidos prejudiciais à comunicação e, se não houver uma citação clara do autor das idéias, podem ser consideradas plágio.

Assim, podemos sempre utilizar idéias de outros autores fazendo:

citação literal:

Marilena Chaui afirma em seu texto que, “em lugar de difundir e divulgar a Cultura, despertando interesse por ela, a indústria cultural realiza a vulgarização das artes e dos conhecimentos”.

ou
paráfrase:

Marilena Chaui afirma em seu texto que a indústria cultural vulgariza as artes e os conhecimentos em vez de difundir, divulgar e despertar interesse pela Cultura.

3. Conservando e reutilizando o que foi lido

Neste capítulo vimos como podemos registrar as informações lidas de forma que se torne mais fácil voltar a elas, consultá-las, reutilizá-las. Nossos textos são compostos, em grande parte, a partir de informações que colhemos em outros textos, mas nossa leitura não retém na memória tudo que é necessário. Por isso, é preciso dar-lhe um apoio anotando, registrando, resumindo ou esquematizando. O próprio esforço de reelaborar as idéias, reestruturá-las e reordená-las em outro formato exige uma grande atividade mental que contribui para que a assimilação seja mais consistente. Quando falamos para nós mesmos, com nossas próprias palavras, interpretando o que foi lido, fazemos pequenas paráfrases, que são muito úteis na ampliação das habilidades cognitivas. É preciso uma leitura refinada, com vários retornos ao texto, para identificação, seleção e hierarquização de idéias.

Assim, não perca suas leituras por falta de anotações. Quanto mais organizadas forem essas anotações, mais úteis poderão se tornar quando da produção de um novo texto. Além disso, são úteis também como textos autônomos, que exercem funções próprias como: resumo para apresentação oral e escrita de trabalhos, esquema para orientar aula ou palestra etc.

4. Prática de síntese

a) Escolha um texto de estudo ou relativo ao seu trabalho que precise conhecer bem. Leia uma primeira vez para se familiarizar com as idéias. Releia, fazendo anotações. Faça um

esquema das idéias. Elabore um resumo reduzindo-o a 50% do original.

b) Escolha um parágrafo longo de um texto dissertativo. Após a leitura, elabore uma paráfrase em tom mais coloquial.

c) De todas as suas leituras para estudo ou trabalho, ao fim de cada capítulo ou parte de texto, elabore um pequeno parágrafo, sintetizando a idéia principal.

Sempre que fizer esses exercícios de síntese, anote a bibliografia referente. É muito comum, depois de algum tempo, não se saber mais de onde foram retiradas aquelas idéias. E isto é o mesmo que não ter lido, pois não se pode citar a fonte.

As técnicas de registro de bibliografia podem variar. A Associação Brasileira de Normas Técnicas normatiza as regras para publicações, mas as editoras optam por algumas variações. O importante é que o documento possa ser recuperado pelo leitor a partir de informações básicas. Neste livro, junto aos textos transcritos, adotamos o seguinte modelo simplificado:

NOME DO AUTOR. TÍTULO. CIDADE: EDITORA, EDIÇÃO, ANO, PÁGINA.

Marilena Chaui. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ed. Ática, 8ª ed., 1997, pp. 329-30.